

ASPECTOS DA ECONOMIA CACAUEIRA(*)

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL

No início do século XX, a América Latina contribuía com 85% da produção mundial de cacau. Era, então, o Equador o país líder em quantidades produzidas. Por volta de 1910, o Brasil superou aquele país e manteve-se na liderança mundial até 1920, quando foi sobrepujado por Gana, que é, até hoje, o maior produtor de cacau.

A produção, por conseguinte, se deslocou do continente americano para a África Ocidental, que participa, atualmente, com mais de 70% do total produzido de amêndoas de cacau. Segundo o Relatório da CEPOCA (1) podem ser sumariamente apresentadas para tal fato as seguintes causas: a) o regime africano de propriedade tribal que favorecia o uso da terra por uma vasta e rústica população; b) a abundância de terras apropriadas à cacauicultura, na África; c) o eficiente programa científico executado pelos países africanos, desde há 30 anos, no combate às pragas.

Utilizando-se os dados apresentados em "Cocoa Statistics" da firma Gill & Duffus Ltd., para

o período de 1953/54 a 1967/68, ajustou-se uma equação estimativa da produção mundial, em toneladas longas (2), em relação ao tempo:

$$\hat{y} = 743,02 + 46,86 x$$

$$r^2 = 0,846$$

$$t = 8,46 \text{ (significante ao nível de 1\%)}$$

O coeficiente de regressão indica que, a cada ano, há uma variação (positiva) da produção mundial de cerca de 47 mil toneladas longas. O valor do coeficiente de determinação (r^2) indica que cerca de 85% da variação total observada na produção podem ser explicados por uma regressão linear da produção (y) sobre o tempo (x).

A projeção feita para a safra mundial de 1974/75 sugere que, permanecendo constantes as condições do período base, haverá uma produção mundial de amêndoas de cacau de aproximadamente 1.727.000 toneladas longas.

A tabela 1 mostra a evolução absoluta da produção de cacau nos principais países produtores e no mundo, nos últimos 30 anos.

(*) Trabalho elaborado pelo Economista Osório Viana, da equipe técnica do ETENE, Divisão de Agricultura.

(1) Comissão de Estudos da Política do Cacau — Relatório (1966).

(2) Uma tonelada longa equivale a 1.016,05 kg.

TABELA 1

Produção de Amêndoas de Cacau

(1.000 toneladas longas)

PERIODOS	MÉDIAS QUINQUENAIS				
	Gana	Nigéria	C. Marfim	Brasil	Mundo
1940/41 — 1944/45	244	94	26	121	622
1945/46 — 1949/50	227	99	38	123	677
1950/51 — 1954/55	237	103	55	130	764
1955/56 — 1959/60	256	125	60	178	892
1960/61 — 1964/65	451	217	102	116	1.238
1965/66 — 1967/68	400	227	134	162	1.297

Fonte: Dados originais de Gill & Duffus Ltd.

Conclui-se que, permanecendo constantes as condições existentes nos anos focalizados, se verificará a evolução crescente da produção mundial. Na verdade, a média das taxas de crescimento da oferta e da procura mundiais de amêndoas de cacau, no período estudado (1953/54 — 1967/68), está por volta de 5% a.a. Entretanto, o ajustamento parabólico das duas variáveis sobre o tempo, nos últimos 22 anos, revela uma tendência, apesar de lenta, da oferta mundial se tornar cada vez superior à demanda. Acontece que na oferta são incluídos os estoques já comprados e armazenados nos países consumidores. Ora, se forem comparadas, em vez desta oferta, a curva ajustada das moagens com a da produção, ver-se-á que ambas muito se assemelham, de modo que os *deficits* ou *superavits* entre uma e outra não parecem explicar a larga flutuação dos

preços. Deve, pois, ter razão o Prof. Otto Selingsohn (3) ao afirmar que os chamados "excessos de estoques" são, por um lado, um mito ("sempre todo cacau estocado nos países consumidores foi integralmente absorvido pelo consumo") e, por outro lado, são apenas um artifício utilizado para deprimir o mercado internacional do produto.

Os últimos quatro anos apresentaram *deficits* de produção, ocasionando uma drástica elevação dos preços. A tendência geral, depois da II Grande Guerra, tinha sido, porém, de queda dos preços das amêndoas de cacau; o que estava de acordo com os diferentes ritmos de crescimento

(3) Otto E. Selingsohn, A Economia Cacaueira da Bahia em Face do Projetado Acôrdo Internacional de Cacau, Anais do I Congresso Brasileiro do Cacau — 1967.

das parábolas ajustadas. Assim, conviria investigar se o atual *deficit* de produção é um fato conjuntural ou terá conotações estruturais.

A REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA

A produção brasileira de cacau na safra de 1967/68 distribuiu-se de acôrdo com a tabela 2.

TABELA 2

BRASIL

Participação dos Estados na Produção de Cacau e Área Cultivada
Safra 1967/68

ESTADOS	PRODUÇÃO (%)	ÁREA (%)
Bahia	95,1	94,2
Espírito Santo	3,5	3,7
Amazonas	0,7	0,4
Pará	0,6	1,5
Outros	0,1	0,2
BRASIL	100,0	100,0

Fonte: CEPLAC (S.E.P. — D.E. — M.A.)

Obs.: A produção brasileira foi de, aproximadamente 2.802.300 sacos de 60 kg e a área cultivada 473.078 ha.

As plantações bahianas de cacau encontram-se em áreas de cinco zonas fisiográficas: do Recôncavo, Cacaueira, do Extremo-Sul, de Jequié e de Conquista. Todavia, é às duas zonas, a Cacaueira e a do Extremo-Sul, que se dá, geralmente, o nome de Região Cacaueira. Localiza-se esta entre os paralelos 13° 22' 30" e 18° 14' de latitude sul e os meridianos 38° e 40° de longitude W. Gr.

Apesar de as estatísticas correntes indicarem a existência de mais de 450 mil ha de cacauais, as informações que se podem obter junto aos técnicos locais, trabalhando nesta cultura, é de que, apenas, aproximadamente 350 mil ha estão plantados na

área. Calcula-se, também, a existência de 250 milhões de cacaueiros. Neste contexto, é entre os vales do rio das Contas e do rio Pardo que se localiza a área de maior volume de produção.

O Estado da Bahia participa, como se vê, com cerca de 95% da produção de amêndoas de cacau do Brasil. Presta-se a Região Cacaueira, admiravelmente, a tal cultura, tanto pelo clima — com uma temperatura média anual em torno de 25°C, com um indicador pluviométrico de cerca de 2.000 mm e uma umidade média de mais de 85% —, quanto pelos solos — escuros, profundos, pouco permeáveis e carregados do humus que lhes fornece a cobertura da floresta atlântica —,

e como, também, pela altitude inferior a 500 metros com relação ao nível do mar. Além do mais, as abundantes chuvas são bem distribuídas durante todo o período anual, por ser encontrar a área numa faixa de transição entre o norte o sul do país, entre as chuvas de trovoadas do verão e as silenciosas chuvas de outono-inverno.

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA

Nos últimos 30 anos o crescimento anual da produção brasileira de amêndoas de cacau vem sendo muito pequeno e, depois de 1960, houve mesmo freqüentes quedas nas safras. Há uma grande flutuação a cada ano, para cima ou para baixo, fazendo com que não se constate uma tendência consistente, no período (1954/1967) aqui estudado. Torna-se impraticável uma projeção das quantidades produzidas.

As curvas ajustadas para diversos períodos recentes não se revelam estatisticamente significantes, todavia apresentam o caráter quase estacionário da produção brasileira de cacau. As causas comumente apresentadas para esta falta de dinamismo e notada instabilidade da cacauicultura nacional são as seguintes: a) flutuações bruscas na cotação internacional não estimulam a produção de uma cultura permanente; b) exigüidade atual das boas terras; c) irregularidades climáticas como, por exemplo, a seca de 1961/63 ou as enchentes de 1968; d) pragas e moléstias que se alastraram pelos cacauais, a partir de 1915; e) nível tecnológico tradicionalista generalizado; f) idade avançada dos cacauais.

PRODUTIVIDADE DA CACAUCULTURA NACIONAL

O nível de produtividade física da cacauicultura brasileira é muito baixo. Situa-se entre 300 a 450 kg/ha, em termos de amêndoas secas ou, segundo a CEPOCA, "300 a 600 gramas de amêndoas secas e fermentadas por pé e por ano agrícola..." As principais causas apontadas para esta produtividade tão baixa são o sistema de cultura extensivo e tradicional e a senectude da maioria dos cacauzeiros, pois, calcula-se que 60% das plantas já ultrapassem os 50 anos de idade, sendo, assim, decadentes.

Para se ter uma idéia comparativa do nível de produtividade basta constatar que em Gana, por exemplo, as plantações chegam a apresentar 900 kg de amêndoas por hectare. A própria CEPLAC (4) consegue, na Região Cacaueira da Bahia, experimentos científicos com média de 4.000 gramas por pé.

Com a utilização das estatísticas do IBGE referentes às quantidades produzidas, em quilogramas, e à área cultivada, em hectares, no Brasil, foi encontrada a seguinte equação de regressão da produtividade sobre o tempo, para o período 1954/1967:

$$\hat{y} = 482,45 - 38,79 x + 2,41 x^2$$

$$i^2 = 0,83$$

$$t = 7,65 \text{ (significante a 1\%)}$$

Derivando-se a equação, verifica-se que a produtividade atingiu um mínimo no ano de 1962 e, a partir de então, está cres-

(4) Comissão Executiva do Plano de Recuperação Econômico-Rural da Lavourea Cacaueira.

cente. Pode-se, pois, interpretar este fenômeno como já sendo o reflexo da atuação da CEPLAC na Região Cacaueira, sobretudo depois que instalou, em 1963, o Centro de Pesquisas do Cacau — CEPEC.

A COMERCIALIZAÇÃO DO CACAU

O primeiro fato que chama a atenção na comercialização do cacau brasileiro é a diferença existente entre o sistema aqui adotado e o dos principais países produtores, sobretudo da África. Nas ex-colônias inglesas ou francesas, com mais de 70% da produção mundial, a comercialização, tanto no mercado interno como no comércio exterior, é centralizada por organismos governamentais.

Dois objetivos principais podem ser divisados nesta política dos países africanos: a garantia de um preço estável para os produtores e a defesa contra as flutuações do preço internacional do cacau. As condições do estágio de desenvolvimento em que se encontram aquelas nações fazem, todavia, que não consigam todos os resultados almejados. Assim, os preços garantidos ao camponês, que vive num meio muito primitivo, permaneceram em níveis tão baixos que alguns observadores relacionam as últimas quedas da produção africana à falta de incentivo a produzir. Por outro lado, a grande dependência dos orçamentos nacionais em relação ao cacau (em Gana este produto participa nas receitas do Estado ao nível de 80%), faz com que os países não tenham poder de barganha, nem possam

suportar alguns meses de retração dos compradores, nas nações desenvolvidas. Caso patente foi o fato de o Acôrdos dos Produtores de Cacau, realizado em Lomé (Togo) em 1964, ter ruinosamente fracassado, após apenas dois meses de retração dos países consumidores.

Diferentemente, o Brasil, que participa com cerca de 10% da produção mundial de amêndoas de cacau, realiza a sua comercialização, tanto interna como externa, através dos canais da iniciativa privada. Se, por um lado, evita os custos da burocratização estatal, por outro não assegura um preço estável ao produtor, nem se pode beneficiar de melhores oportunidades do complicado comércio internacional. Sobre tudo em relação a este último objetivo, mesmo que as vendas fossem realizadas pelo Estado e apenas quando as condições fossem mais rentáveis em termos de captação de divisas, o êxito da política não seria facilmente conseguido. Isto porque, em primeiro lugar, é muito pequena, como já foi salientada, a participação brasileira no comércio internacional do cacau, apresentando-se, pois, o Brasil como um aceitador de preços ou ajustador de quantidades; além disso, há a dificuldade de armazenamento da amêndoa por ser um produto perecível e por não ser comercialmente recomendável sua total transformação em semi-industrializados; finalmente, numa concorrência com países extremamente dependentes do cacau e diante da inexistência de um Acôrdos Internacional entre produtores e consumidores, relativo ao comércio do produto, o Brasil sentir-se-ia sempre for-

partida vendida a um comprador no momento por eles escolhido.

Quanto ao Tal Acôrdo, há 12 anos se desenvolvem as reuniões internacionais, as tentativas fracasadas, as propostas e contra-propostas, e o progresso nas negociações é lento. Assim, o comércio do cacau ainda continuará dominado pelos países consumidores, que dispõem de melhor organização, utilizam o mecanismo de defesa (hedge) que lhes proporcionam as Bôlsas de Nova Iorque ou Londres, e têm, na verdade, maior capacidade financeira, poder de barganha e tecnologia.

INDUSTRIALIZAÇÃO DO CACAU NO BRASIL

A transformação industrial do cacau consta de duas diferentes etapas: a industrialização de base (beneficiamento) e a industrialização de acabamento. Os produtos da primeira fase são a massa ou pasta, a manteiga, a torta e o pó de cacau. Da segunda fase saem o chocolate, os produtos achocolatados e, também, produtos farmacêuticos.

O Brasil foi o primeiro dos países produtores de cacau a iniciar sua industrialização. Atualmente é beneficiado no país cerca de 1/3 da produção de amêndoas de cacau, sendo os restantes 2/3 exportados em bruto para os países consumidores. Da parte beneficiada, cerca de 90% se destinam, também, ao mercado exterior e os 10% restantes atendem à indústria chocolateira nacional. Conclui-se ser o cacau um produto tipicamente de exportação, revelando-se ainda muito estreito o mercado nacional ao

consumir uma percentagem da produção de amêndoas em tôrno de 3,3%.

Calcula-se a capacidade instalada da indústria de beneficiamento de amêndoas de cacau como sendo de 80,9 mil toneladas longas (6 emprêsas bahianas). A moagem média anual no período de 1954/1967 foi de 48,3 mil toneladas longas. Chega-se, pois, a uma capacidade ociosa nominal média de 40,3%. A indústria nacional explica a existência desta elevada capacidade ociosa como sendo natural e ocasionada pelos seguintes fatores:

- A matéria-prima é sazonal e a amêndoa é de fácil perecibilidade. (Entretanto, parece que êste argumento perde, isoladamente, sua força ao se considerar que o cacau brasileiro tem, na verdade, duas safras: o "temporão" entre abril e agosto, e a "safra principal" entre setembro e dezembro);
- Dificuldades de capital de giro para a indústria. O problema parece ser menos de capital de giro propriamente dito, do que da concorrência que a indústria tem que enfrentar com o elevado número de exportadores de amêndoas brutas, e da necessidade de adiantamentos de numerário aos lavradores, método revelador do funcionamento inadequado do sistema bancário e do crédito agrícola insuficiente;
- Instabilidade do mercado internacional do cacau: evitando que o industrial procure utilizar-se a cada momento do adiantamento de câmbio, pois, prováveis per-

das adviriam se, vendendo o produto antecipadamente, acontecesse que seu preço, em seguida, se elevasse ou, então, o preço das matérias-primas. Além disso, muitas vezes é preferível que o industrial exporte a própria amêndoa bruta em vez de beneficiá-la. Pois não há uma correlação estável entre o preço das amêndoas e o dos derivados. Em determinada ocasião pode haver uma grande demanda de amêndoas e não de manteiga, o que fará cair a relação (ratio) entre o preço da manteiga e do da amêndoa e, portanto, eliminar o incentivo ao beneficiamento industrial. Igualmente os preços de manteiga e torta não apresentam relação constante.

Desempenha a indústria de derivados uma função estratégica na economia cacauera e na comercialização do cacau:

- Dá maior defesa à economia cacauera nacional ante a especulação dos países consumidores que controlam as Bólsas onde se determina o preço das amêndoas. Os especuladores procuram aviltar os preços internacionais jogando com a falta de capacidade de armazenamento dos produtores e com a perecibilidade rápida da amêndoa, que não suporta nos trópicos mais de três meses de armazenagem. Ora, com sua transformação em manteiga, pode-se armazená-la até por 4 ou 5 anos. Ter-se-á, então, maior flexibilidade comer-

cial, podendo o produtor com amêndoa beneficiada derivados de cacau comercialmente;

- Com a industrialização das amêndoas de qualidade superior pode-se conseguir, geralmente, melhores preços pela venda dos derivados do que sendo as amêndoas comercializadas em estado bruto;
- Outras vezes, quando ha uma safra inesperadamente alta, a entrada da indústria no mercado evita a formação de grandes estoques de amêndoas que se perderiam ou, então, tenderiam a rebaixar os preços do cacau;
- Finalmente, a indústria além de ter êste sentido equilibrador da captação de divisas, concorre para o desenvolvimento econômico empregando matéria-prima e mão-de-obra regionais.

Quanto à indústria de chocolates, o Relatório da Comissão de Estudos da Política do Cacau — CEPOCA — apresentava 17 fábricas principais, localizadas sobretudo na região sul do país. Indicava, outrossim, algumas razões do baixo consumo de chocolates no Brasil: falta de propaganda, pensamento de inconveniência do consumo de chocolate em clima tropical e elevado custo do produto para o nível de renda da população brasileira.

Como se viu, a proporção da produção de amêndoas transformada em produtos finais no Brasil é de apenas 33%. Se a produção média anual for de 152 mil toneladas, metem-se

amêndoas, o consumo final do país seria de apenas 5.016 toneladas. Para o ano de 1967 poderiam, pois, ser feitas as seguintes estimativas:

- Amêndoas utilizadas na indústria de chocolates (mil toneladas métricas): $176 \times \times 3,3\% = 5,8$
- População estimada (milhões de habitante) = 86,6
- Consumo nacional *per capita* a.a em termos de amêndoas de cacau (g) = 67,0

Admitindo-se que a amêndoa bruta perde cerca de 25% de seu peso, em umidade, impurezas e cascas, no processo de transformação; e considerando-se que o produto final contém cerca de 50% de derivados de cacau, estes 67 gramas de amêndoas confirmam os 100 gramas de chocolates que a Fundação Getúlio Vargas, na "Pesquisa sobre Orçamentos Familiares", admitiu como sendo o consumo *per capita* brasileiro de produtos finais do cacau. Parece, pois, que a FAO superavaliou o consumo nacional ao indicar 300 g de chocolates *per capita* a.a., mesmo que sejam consideradas as importações brasileiras destes produtos.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CACAU

De acordo com o Boletim do Banco Central do Brasil, o cacau ocupou, entre 1960/1966, o quinto lugar entre os produtos exportados pelo país, vindo depois do café, do algodão em rama, dos minérios de ferro e do açúcar de cana.

Como já foi visto, a principal parcela das exportações se reali-

za em amêndoas brutas, mas após a II Grande Guerra cresceram rapidamente as exportações de manteiga de cacau. De outro lado, as exportações de amêndoas, semelhantemente à produção brasileira de cacau, mantêm-se com tendência no mínimo estacionária.

Para as exportações de manteiga de cacau, em toneladas longas, conseguiu-se a seguinte equação estimativa de regressão sobre o tempo, para o período de 1954/1967:

$$\hat{y} = 10.220,26 + 883,29 x$$

$$r^2 = 0,46$$

$$t = 3,21 \text{ (significante a 1\%)}$$

Verifica-se que o coeficiente de regressão é positivo, indicando haver a cada ano um acréscimo superior a 883 toneladas longas nas exportações desse produto industrializado, o que, em termos de amêndoas, equivaleria a 2.501,5 toneladas longas aproximadamente. É interessante notar, por outro lado, que a equação estimativa das exportações de amêndoas, apesar de suas deficiências estatísticas, apresentava um decréscimo anual de 2.560 toneladas longas exportadas. Parece, pois, que o Brasil está apenas substituindo amêndoas por manteiga em suas exportações.

Tomando-se, no Relatório de 1967 do Banco da Bahia S. A., os valores em mil dólares do total exportado de amêndoas e derivados do Estado da Bahia, conseguiu-se a seguinte equação de regressão sobre o tempo, para o período de 1956/1967:

$$\hat{y} = 93.266,45 - 4.406,57 x$$

$$r^2 = 0,44$$

$$t = 2,803 \text{ (significante a 2\%)}$$

Dêste modo, as receitas cambiais advindas das exportações de cacau (pela Bahia) caíram, em média, de mais de 4,4 milhões de dólares em cada ano do período 1956/1967. Como a receita cambial média foi de 69 milhões de dólares, no período, pode-se afirmar que houve uma perda aproximada, em taxa aritmética, de 6% a.a. Da constatação dêste fato, sendo o Brasil apenas um "ajustador de quantidades" na economia mundial cacauera, segue-se a necessidade, para o país, da assinatura de um Acôrdo Internacional do Cacau, defendendo os preços do produto, a redução de tarifas e preferências, e a participação relativa de cada produtor. Em termos mais im-

ediatos, enfrentar frontalmente o problema da comercialização do cacau e seus derivados é uma condição *sine qua non* do êxito dos programas de soerguimento da lavoura e de melhoria tecnológica da produção cacauera. Até agora, estão sendo equacionados, com elevado nível técnico, os problemas agrônômicos, o mesmo não acontecendo com os problemas econômicos da comercialização do cacau e, igualmente, do planejamento regional integrado da mais importante área cacauera do país.

As principais destinações das exportações brasileiras de cacau e derivados, no período 1960/1967, são apresentadas na tabela 3.

TABELA 3

BRASIL

*Destino das Exportações de Amêndoas de Cacau e Derivados
1960/1967*

PRODUTOS	PAISES IMPORTADORES	% EM RELAÇÃO AO TOTAL
Amêndoas	EE.UU.	64,5
	Países Baixos	11,3
	Argentina	10,0
	URSS	8,0
	Alemanha Ocidental	6,2
Manteiga	Reino Unido	40,3
	EE.UU.	26,2
	Países Baixos	25,6
	URSS	5,1
	Canadá	2,8
Torta	EE.UU.	59,8
	Países Baixos	18,8
	Reino Unido	8,8
	Canadá	7,7
	Argentina	5,0

Fonte: Trabalho original do Centro de Estudos Regionais — CEREG/CEPLAC.

Em determinados anos, a Rússia se revela um importante consumidor da amêndoa brasileira e o Japão está despontando como um mercado de amplas possibilidades para a manteiga produzida no Brasil. Aliás, em 1968/1969, desenvolveram-se, de modo considerável, as exportações brasileiras de cacau para os países da área socialista. Entretanto, o principal mercado para o cacau brasileiro são os Estados Unidos.

O fato significativo, porém, é que as exportações brasileiras de cacau e derivados estão distribuídas quase totalmente por um número muito restrito de consumidores e, entre estes, apenas um país concentra a grande maioria das relações comerciais. Para segurança da economia cacauceira nacional, torna-se imprescindível uma política mais agressiva de conquista de mercados.

OS PREÇOS E A CONJUNTURA ATUAL FAVORÁVEL

Para o período-base em estudo (1954/68), utilizando-se dados de Gill & Duffus Ltd. referentes ao "Spot price", em cents por libra-pêso, do cacau tipo Bahia na Bólsa de Nova Iorque, ajustou-se uma equação estimativa:

$$\hat{y} = 39,34 - 1,41 x$$

$$r^2 = 0,41$$

$$t = 3,00 \text{ (significante a 2\%)}$$

O valor do coeficiente de determinação (r^2) indica que, apenas cerca de 41% da variação total observada nos preços, podem ser explicados por uma regressão linear dos preços sobre o tempo. Existem, pois, fatores aleatórios ou outras variáveis não introdu-

zidas no modelo que devem, bem mais, explicar as flutuações dos preços. O valor do coeficiente de regressão indica que, para uma variação de uma unidade no tempo, o preço a vista da libra-pêso de amêndoa tende a diminuir de 1,41 cents americanos, aproximadamente. Houve, pois, no período, uma tendência média à queda dos preços das amêndoas de cacau do Brasil. O mesmo fato, aliás, foi encontrado para o preço a vista do cacau tipo Gana que, no período, caiu de 1,42 cents anualmente.

Vê-se, então, confirmarem-se os fatos apresentados anteriormente: tendência à queda das exportações brasileiras de cacau, tendência à queda de seus preços e, conseqüentemente, tendência à queda das receitas em divisas. Dêste modo, explica-se, também, a estagnação da produção brasileira de cacau.

Todavia, desde a safra de 1965/66, o consumo mundial de cacau (moagem) está superior à produção. Assim, pela quarta vez consecutiva há uma tendência ao *deficit* da oferta com a redução dos estoques industriais de amêndoas nos países consumidores. Até hoje, como foi notado, estes estoques (que são necessários para o funcionamento das indústrias nas diversas estações do ano e, portanto, não se configuram propriamente como excedentes), foram utilizados pelos países importadores, que manipulam as Bólsas do Cacau, no sentido do aviltamento dos preços da amêndoa. Então, com a referida diminuição destes estoques estratégicos, o preço do cacau passou a elevar-se nos últimos quatro anos. Este processo pode

ser identificado claramente através da equação ajustada para os preços "spot" do Bahia, em Nova Iorque, no período de 1965/68, em cents por libra-pêso:

$$\hat{y} = 17,79 + 4,09 x$$

$$r^2 = 0,969$$

$$t = 7,9 \text{ (significante a 2\%)}$$

Verifica-se, pois, que ultimamente o preço do cacau tipo Bahia elevou-se por volta de mais de 4 cents a libra-pêso em cada ano. Não se pode, todavia, prever se esta tendência positiva continuará a longo-prazo, com o crescimento do consumo mundial, pois, se êste aumenta com a elevação da renda *per capita* e da população das nações consumidoras, por outro lado, os estudos de elasticidade-renda da procura parecem indicar uma queda do coeficiente nos altos níveis de renda, fazendo-o agir, dêste modo, como um mecanismo de restrição. Talvez se esteja apenas numa fase ascendente daquele

ciclo encontrado, para a evolução do preço internacional do cacau estudo de Joseph S. Weiss. (5)

O ponto básico é, realmente, que o mecanismo de formação do preço do cacau brasileiro, não está firmemente controlado pelos países consumidores, através do aparelhamento das Bôlsas. Afora um Acôrdo Internacionad do Cacau, o Brasil só conseguirá melhor posição com uma política de diminuição dos custos de produção e de planejamento da comercialização; política de melhoria da qualidade do produto e de sua concomitante diferenciação através do beneficiamento industrial; política que vise deslocar para cima a curva de procura do cacau brasileiro para que as melhorias de preços sejam duradouras.

(5) Joseph S. Weiss, *A Spectral Analysis Approach to Brazilian Cocoa Supply Structure (With Related Market and Policy Discussions)* — 1966.